

A IGREJA COMO SACRAMENTO DE CRISTO, NA PERSPECTIVA DO VATICANO II

Pe. Waldomiro O. Piazza, S.J.

The Church as Sacrament of Christ in the view of Vatican the 2nd.

Many things are said, nowadays, about the Church as a Sacrament, but, it is true, not always we understand the right meaning of this expression. The author tries, through an accurate exegesis of the texts of Vatican the 2nd, to clear up the thought of this important Council, whenever it calls the Church as a Sacrament. In this way, he tries to underline its deep and correct meaning against an interpretation that, sometimes, seems to be too naive and even misused.

Fala-se muito, hoje, da Igreja como Sacramento, mas nem sempre se tem a idéia exata do que esta expressão significa. O autor procura, mediante uma exegese acurada dos textos do Vaticano II, esclarecer o pensamento deste grande Concílio sempre que chama a Igreja de Sacramento, de modo a salientar o seu significado preciso e profundo, contra uma interpretação por vezes demasiado superficial e mesmo abusiva.

A PERSPECTIVA "SACRAMENTAL" DO VATICANO II

Dizer que o Concílio Vaticano II tem, da Igreja, uma visão "sacramental" é, certamente, afirmar de mais. Podíamos mesmo dizer que a sua perspectiva é anti-sacramentalista, dado que o Concílio, seguindo a sugestão do Papa João XXIII, timbrou em ser, antes de tudo, "pastoral" e não "dogmático"...

É o que declaram os Padres Conciliares na Mensagem de 20.10.1962: "Procuraremos apresentar aos homens de nosso tem-

po, integral e pura, a verdade de Deus de tal maneira que eles a possam compreender e a ela espontaneamente assentir, pois somos Pastores..."

No entanto, justamente porque deviam expor a verdade de Deus na íntegra, não podiam deixar de dar ao Concílio uma feição doutrinária, além de pastoral, como transparece da nota apostá à constituição "Gaudium et Spes": "A constituição é chamada pastoral porque, baseada em princípios doutrinários, tem a intenção de exprimir as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Por isso, nem na primeira parte está ausente a intenção pastoral, nem na segunda falta a intenção doutrinária..."

Ora, esta intenção doutrinária verifica-se, mais do que em outras partes, no Tratado Dogmático da Igreja, justamente porque este se constituiu como fundamento de toda a atuação pastoral do próprio Concílio.

Por isso, não é nada contrário ao espírito do Concílio Vaticano II que tentemos descobrir no texto de seus vários documentos certa visão particular, ou seja, certa doutrina própria sobre a Igreja. Cremos que esta visão particular não só existe mas pode ser facilmente definida como "doutrina sacramental" da Igreja, contanto que tenhamos o cuidado de bem compreender a própria expressão: Igreja-Sacramento.

2. Sacramento e Mistério:

Quando falamos em "sacramento", vem-nos logo à mente os Sete Sacramentos da Igreja, com a sua teologia estruturada até o último ponto, de modo que parece não resta mais um canto por esclarecer ou um traço visível por determinar...

Por sua vez, a Liturgia passada, demasiado "clericalizada" ou seja reservada ao "clero", contribuiu para dar aos Sete Sacramentos certo aspecto "mágico"... Eram "sinais eficazes" da graça, "canais" da graça, "penhores" de salvação... imagens estas demasiado concretas que nasciam de uma concepção, por sua vez, demasiado "jurídica" dos sacramentos...

Ora, quando se diz que o Vaticano II tem da Igreja uma concepção "sacramentalista", está-se bem longe de uma tal concepção extrínseca, jurídica, mágica... E isto por duas razões fundamentais:

- a) porque os Sete Sacramentos da Igreja não são "instrumentos mágicos" para "distribuir" a graça, mas "sinais expressivos" de nossa união com Deus (SC nº 59),

- b) porque a Igreja, como "sacramento", não está no mesmo plano dos Sete Sacramentos, que ela mesmo administra, mas em plano superior, no de "Sacramento de Cristo" (LG. nº 1), como adiante veremos.

Por isso, é importante que, estudando a Igreja como "sacramento", não nos firmemos nas fórmulas adotadas pela Igreja para definir os Sete Sacramentos. Este caminho pode levantar dificuldades insuperáveis, e, contudo, gratuitas porque não dizem respeito à Igreja, como, por exemplo, a distinção entre "graça do sacramento" e "ministro" do sacramento, já que na Igreja não se vê claramente quem seja o ministro da graça: Cristo, o Espírito Santo ou a mesma Igreja... (4).

O caminho que devemos seguir é o apontado pelo próprio Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática sobre a Igreja, o qual, ligando a Igreja a uma concepção sacramental, o faz justamente no capítulo referente ao "Mistério da Igreja", e, mais ainda, no Proêmio desta Constituição, que é tão importante para compreender toda a perspectiva eclesiológica do próprio Concílio (LG nº 1 e 8).

Portanto, devemos, antes de tudo, indagar que significa "mistério" na linguagem do Concílio Vaticano II.

O trabalho é fácil, pois já foi exaustivamente estudado por exegetas e teólogos nos últimos anos. Por isso, limitamo-nos a dar uma sucinta idéia do mesmo.

Mistério (em grego: *mistérion*), significava na antigüidade o "plano de guerra" de um rei, plano que, para ser eficaz, devia, naturalmente, ficar ignorado do inimigo. Este é o sentido que Ihes dá o AT em duas passagens muito conhecidas, a saber:

Jud. 2,2: "Convocou (Holofernes) todos os anciãos, todos os seus chefes e guerreiros, e teve com eles o conselho secreto, no qual Ihes revelou o seu designio (*mistérion*) de submeter toda a terra".

Tob. 12,7: "Se é bom conservar escondido o segredo (*mistérion*) do rei, é cousa louvável revelar e publicar as obras de Deus".

Podemos encontrar a mesma concepção no NT:

Mat. 13,11: "Respondeu Jesus: A vós é dado compreender os mistérios do reino dos céus" (cf. Mc. 4,11; Lc. 8,10).

É deste "mistério" ou plano divino, que não é de guerra mas de salvação, como se deprende de todo o contexto de sua carta, que fala S. Paulo escrevendo aos Colossenses:

Col. 1,26: "Fui encarregado de anunciar a palavra de Deus, mistério este que esteve escondido desde a origem até as gerações (passadas), mas que agora foi manifestado aos santos (aos cristãos, conforme se vê do v. 23).

Esta carta é muito importante porque ela nos dá a chave para compreender a Igreja como "mistério e sacramento". Com efeito, S. Paulo prossegue:

v. 1,27: "A estes (aos cristãos) quis Deus dar a conhecer as gloriosas riquezas deste mistério entre os gentios: Cristo em vós, a esperança da glória"

E mais adiante:

v. 2,2: "Desejo que os seus corações sejam reconfortados e que, estreitamente unidos pela caridade, sejam enriquecidos de uma plenitude de inteligência, para conhecerem o mistério de Deus, isto é, Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência"

E ainda:

v. 3,15: "Reine em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados afim de formar um único corpo".

Se lermos estes textos dentro de toda a teologia paulina do Corpo de Cristo, então será fácil concluir duas cousas:

- a) que Deus teve, desde o início, um "plano secreto" (um mistério) de salvação para os homens...
- b) que este plano se "concretizou" em Cristo, homem-Deus, e foi "manifestado em sua ressurreição...

Aqui entra toda a teologia da salvação em Cristo, tão rica e bela, que podemos resumir da seguinte forma:

Deus, criando o homem, teve em vista integrá-lo, quanto era possível a uma criatura, em sua própria vida divina. O Protótipo deste plano é Cristo: Homem-Deus.

Mas, sendo o homem uma criatura livre, era necessário que colaborasse livremente neste plano. Neste ponto, Cristo é ainda o Protótipo: ele aceita integralmente, até a morte da Cruz, o plano do Pai.

O Pai, por sua vez, mostra aceitar com agrado este "sim" absoluto de Cristo, "glorificando-o", isto é: ressuscitando-o dentre os mortos e dando-lhe o poder de associar à sua glória todos os homens que o aceitassem como Mediador: todos os que nele cressem (tema constante em S. João: Jo. 5,24; 6,40; 11,25).

Como vimos, este plano é chamado "mistério". A Palavra é grega e foi traduzida para o latim de duas maneiras: por "misterium" e por "sacramentum" (plano sagrado), o que podemos verificar na própria carta aos Colossenses, pois, enquanto no v. 1,27 encontramos a tradução "sacramentum" (voluit Deus notas facere divitias gloriae sacramenti huius in gentibus...), no v. 1,27 encontramos a forma "misterium" (in agnitionem misterii Dei Patris...).

Com o tempo, a teologia da Idade Média desenvolveu a teologia dos Sete Sacramentos como "sinais eficazes da graça", e sacramento passou a significar, justamente, cada um dos Sete Sacramentos da Igreja, perdendo, assim, o seu antigo e profundo significado de "mistério divino" de nossa união com Deus.

Por isso, é conveniente, para compreendermos toda a perspectiva "sacramental" do Vaticano II, remontar à primeira e mais fecunda definição de sacramento, que ainda se pode encontrar no Concílio de Trento; a saber: "invisibilis gratiae forma visibilis" (5).

Ela se verifica, antes de tudo, no próprio Cristo, porque nele se manifesta de forma visível (concreta) a graça invisível de Deus, ou seja o "amor de Deus por nós" ...

3. Cristo: Sacramento Primordial:

Nesta perspectiva, Cristo é chamado o Sacramento do Pai, ou, mais comumente, o Sacramento Primordial, isto é:

Sacramento: por que ele é a "concretização" (manifestação visível) do plano divino: a forma visível da graça invisível, quer se entenda graça em sentido restrito, no de Incarnação do Verbo (Jo. 1,14; cf. Jo. 14,19: Quem me vê, vê o Pai), quer se entenda em sentido mais geral, como "plano do amor do Pai para salvação dos homens" (Col. 2,9: Nele habita toda a plenitude da divindade).

Primordial: porque é o "exemplar" visado por Deus em primeiro lugar, quando "pensou" na criação do homem (Ef. 1,3-14: ... o desígnio de reunir em Cristo...), e porque é o

(5) Conc. Trid. sess. XIII: Decr. de eucharistia: "Commune hoc quidem est sanctissimae Eucharistiae cum ceteris sacramentis, "Symbolum esse rei sacrae et invisibilis gratiae formam visibilem". (Dez. 876)

"fundamento" para a plena realização deste plano divino com respeito a todos os homens (1 Cor. 3,11: ...ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi posto: Cristo Jesus; cf. Gal. 4,4-7).

Esta última proposição deve ser um pouco mais esclarecida porque ela está intimamente ligada à própria "sacramentalidade" da Igreja.

Podemos, em uma linguagem mais vulgar, dizer que o fato de o Verbo se ter ligado a determinado homem, estabeleceu entre a Segunda Pessoa da SS. Trindade e todos os homens certo laço de solidariedade muito profunda, embora apenas na "carne". Há de fato, uma coisa em comum entre Cristo e todos os homens: a humanidade. Ele é "um dos nossos". Mas como o Verbo fazendo-se homem nem por isso deixou de estar ligado, quanto à natureza divina, ao Pai e ao Espírito Santo, a sua "humanização" não deixou, também, de estabelecer, ainda que de modo indireto, certo "parentesco" entre os homens e Deus... Na linguagem comum, diríamos, segundo a concepção jurídica do parentesco indireto, certa "afinidade". Esta não atinge o homem como tal, mas põe-no em "comunicação pessoal mais estreita", ainda que não sobrenatural, com Deus. Devido à Encarnação de seu Filho, o Pai olha os homens com particular interesse e benignidade, pois são "irmãos de seu Filho"... E quando Cristo é "glorificado", de alguma forma é também "glorificada" toda a humanidade, e Cristo pode estender seus dons a seus "irmãos", que aderirem a ele pela fé, porque seus dons são como que "bens da família humana". Donde a declaração de Cristo, logo após a ressurreição: "Todo o poder me foi dado. Ide, portanto, e batizai todas as gentes. Eu estarei convosco (Mat. 28,18-20). São Paulo, em linguagem mais teológica, falará em "incorporação a Cristo" (1 Cor. 12,12), em "habitação do Espírito de Cristo" (Gal. 4,1-7), em "herança dos céus" (Ef. 2,19-22).

Por aqui se vê como é importante para a teologia da Igreja o mistério da Encarnação, que o Vaticano II teve o cuidado de não deixar na sombra, como ainda veremos.

De momento, interessa-nos mais a aplicação da palavra "sacramento" à própria Igreja.

4. Igreja: Sacramento de Cristo:

A Igreja não pode ser chamada, simplesmente, de "sacramento", pois, como vimos, esta palavra não tem sentido unívoco, pois pode significar um dos Sete Sacramentos, o designio divino de salvação universal, o próprio Cristo como Sacramento Primordial... Como, pois, chamar a Igreja de Sacramento?

Pelo que já ficou dito, pode-se, contudo traçar o caminho da reflexão que nos conduzirá ao conceito de Igreja como "Sacramento de Cristo".

Os teólogos não são concordes, mesmo quando consideram a Igreja sob o aspecto "sacramental", em determinar que espécie de "sacramento" ela representa. E assim uns dizem que é "Sacramento de Cristo", outros que é "Sacramento de união" e ainda outros que é "Sacramento de salvação universal", etc. (6).

O Concílio Vaticano II, por sua vez, teve o cuidado de evitar uma única fórmula que se prestasse a uma concepção muito unilateral da sacramentalidade da Igreja, e, por isso, encontramos em seus textos várias descrições da Igreja como sacramento, que ainda analisaremos com vagar.

Uma, porém, merece consideração especial, não só porque ocupa posição proeminente na própria Constituição Dogmática sobre a Igreja (LG nº 1), mas por causa de seu particular sentido, como passaremos a ver.

"Lumen Gentium" nº 1: "Cum autem Ecclesia sit in Christo veluti sacramentum seu signum et instrumentum intimae cum Deo unionis totiusque generis humani unitatis..."

Ora, três cousas nesta descrição da Igreja desperta logo a atenção:

- 1º: a partícula "veluti" que claramente indica que a palavra "sacramento" não é empregada de modo unívoco com respeito aos outros sacramentos...
- 2º: a expressão "signum et instrumentum", que definem o caráter "sacramental" da Igreja, pois se ela não fosse uma "visibilis forma gratiae invisibilis" não se poderia dizer que é um "sinal" e menos ainda que é um "instrumento" da graça de união com Deus...
- 3º: "intimae cum Deo unionis", que define o sentido escatológico e glorioso da Igreja... (fruto e efeito),
- 4º: "in Christo", que subordina a "sacramentalidade" da

(6) O. Semmelroth: La Chiesa, sacramento di Salvezza - M. D'Auria (1965).

P. Smulders: L'Église sacrement du salut in "L'Église du Vat II", Tom. II.

J. L. Witte: L'Église "sacramentum unitatis" du cosmos et du genre humaine, in "L'Église du Vat II", Tom. II.

T. Camelot: La Chiesa sacramento primordiale, Sac. Doctr.: 45(1967)59-78.

J. Groot: La Iglesia, sacramento de Cristo Sacerdote - Salamanca (1965).

J. Alfaro: Cristo, sacramento de Dios Padre; LA Iglesia, sacramento de Cristo glorificado: Gregor.: 48 (1967) 5-27.

Igreja a Cristo, o "Sacramento Primordial", como vimos...

Eis porque preferimos dizer: A Igreja, considerada como "sinal e instrumento" da graça de nossa união com Deus, é um "Sacramento de Cristo", enquanto Cristo mesmo é "Sacramento do Pai"... (7)

Ora, esta "teologia" deve ser algum tanto aprofundada para que se compreenda melhor a sua motivação.

Dissemos acima que Cristo é o Sacramento Primordial porque representa o "exemplar" do decreto divino da união do humanidade com a divindade.

Com respeito à Igreja, podemos ver a aplicação de um "esquema" que já fora concretizado em Cristo, a saber: o que se realizou em Cristo, realiza-se, de modo análogo, com a Igreja, o que vale a dizer: com cada homem, com cada cristão.

Em Cristo, com efeito, Deus se une à natureza humana de determinado homem: Jesus de Nazaré; em nós, Deus se une a cada cristão. Em Cristo, porém, a união é perfeita, pois que toda a natureza humana de Jesus é assumida pelo Verbo, enquanto em nós esta união é relativa, porque feita mediante a "habitação do Espírito Santo" em nossas almas...

Mas há mais. Cristo não só é "exemplar" como é "fundamento" de nossa união com Deus. A "solidariedade" que o Verbo assumiu com todos os homens pela Incarnação, é um "parentesco" de ordem especial que permite a Cristo de estender a todos os homens os próprios bens, outorgados pelo Pai, em primeiro lugar a "graça santificante". Evidentemente, quem age em Cristo é o Verbo, mas como esta pessoa divina está indissoluvelmente ligada à natureza humana, é por meio desta (causalidade instrumental) que se põe em relação com os homens para lhes comunicar os seus dons. Quanto aos homens, é pela fé, isto é pela aceitação da Mediação de Cristo, que se tornam participantes destes dons divinos, em primeiro lugar, da "graça santificante", fundamento da "filiação divina" e da "herança dos céus". São dons possuídos por concessão pessoal de Cristo e, por isso, não são possuídos da mesma forma que em Cristo, donde as expressões de S. Paulo: "filhos adotivos", "coherdeiros de Cristo"..

A questão que aqui se coloca é esta: Como "transmite" Cristo os seus dons a seus "irmãos"?

(7) H. de Lubac: "Si le Christ est le sacrement de Dieu, l'Église est pour nous le sacrement du Christ" - dans "Catholicisme" 5^e ed. Paris, 1952, du Cerf.

A Incarnação constitui, sem dúvida, o "fundamento" natural desta transmissão, como vimos, e isto jamais deve ser esquecido ou menosprezado. Mas resta saber o "modo" pelo qual se efetua a mesma "transmissão" dos dons de Cristo aos cristãos.

Entre os homens, os bens exteriores são transmitidos por via jurídica, ainda que o fundamento seja biológico (parentesco carnal). Poderemos, acaso, aplicar o mesmo princípio a Cristo? A resposta só pode ser negativa, antes de tudo porque se trata de bens sobrenaturais, mas também porque são bens "pessoais" de Cristo, isto é devidos à sua pessoa como tal: Filiação divina, herança dos céus... Cristo, pela sua Paixão e Morte, mereceu o poder de transmiti-los aos seus "irmãos segundo a carne", mas, como são bens "pessoais", não poderão ser transmitidos por simples decreto (por via jurídica)... Impõe-se outra solução.

Também entre os homens só é possível transmitir os bens exteriores (propriedades), mas não os bens pessoais (cultura). Mas o que é impossível para os homens, não o é para Deus... (Lc. 1,37). Sem dúvida, temos aqui um "mistério" da misericórdia divina, mas os próprios "mistérios" de Deus são, em si mesmos, sumamente "razoáveis". De fato, o Verbo, como Segunda Pessoa da SS. Trindade, dispunha da solução adequada para o caso, a saber: a missão própria do Espírito Santo. Como sabemos, a Terceira Pessoa da SS. Trindade é, em si mesma, um "dom" divino, pois que "procede" do Pai e do Filho, e como tal é enviada por Cristo aos cristãos, que crêem nele. Quando o Verbo se fez Cristo, o Espírito do Pai e do Filho tornou-se também Espírito de Cristo. Enviando-o aos cristãos, Cristo estabelece com estes uma íntima relação, como aquela que existe entre ele e o Pai, pois é uma relação de pessoa a pessoa, por ser esta a função do Espírito Santo...

As relações pessoais neste mundo, entre os homens, só podem ser feitas indiretamente, porque a nossa própria natureza humana nos condiciona ao tempo e ao espaço. Enquanto Cristo esteve neste mundo, esteve também sujeito às mesmas limitações temporais e espaciais. Mas, tendo voltado ao Pai, ele pode, por meio do Espírito Santo, unir-se aos cristãos de modo tão íntimo a estabelecer com eles uma comunhão "pessoal" de bens...

Por isso é que Cristo diz aos apóstolos que era bom para eles que voltasse ao Pai, pois só então poderia enviar o Espírito consolador (Jo. 16,7).

É, justamente, neste ponto que se insere a Igreja.

Na verdade, Cristo já em vida havia "fundado" a Igreja, reunindo o grupo dos apóstolos, estabelecendo o primado de Pedro, instituindo a Eucaristia... mas a Igreja dos cristãos só é "formalmen-

te" constituída quando ele envia o "seu" Espírito, para que faça viver o organismo social, do qual lançara os fundamentos.

O "esquema" salvífico repete-se mais uma vez, agora com referência à Igreja:

- em Cristo:** graça increada (o Verbo) em forma visível (o homem Jesus)...
- na Igreja:** graça increada (Espírito de Cristo) em forma visível (o organismo social da Igreja).

Naturalmente, o "esquema" supõe que seja bem compreendido em sua aplicação, pois não se trata, simplesmente, de uma realidade que se repete tal e qual, mas de um plano salvífico que se desenvolve por etapas, assumindo de cada vez um aspecto diferente (LG. nº 2, in fine).

- Em Cristo:** o Verbo é enviado pelo Pai e assume como própria determinada natureza humana, à qual comunica seus dons divinos.
- na Igreja:** o Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho, aos homens de boa vontade, aos quais comunica "os dons de Cristo"...

Além disso, ou por isso mesmo, o Espírito Santo não se "incarna" nos cristãos, mas "une-os" pessoalmente a Cristo, de tal forma que "participem" de seus dons...

É por isso que se diz que Cristo "continua" nos cristãos, pois estes são revestidos da graça e da missão de Cristo. É uma "incarnação contínua" de Cristo em sua Igreja, não de ordem "física", mas sobrenatural, realizada pelo Espírito Santo, como Espírito de Cristo.

Este profundo mistério da missão do Espírito Santo na Igreja (isto é nos cristãos que compõem a Igreja), tem também um efeito particular: revela e torna "presente" o Espírito Santo na "história da salvação"...

De modo que podemos concluir com o Concílio Vaticano II: "Desta maneira aparece a Igreja toda como "o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (LG nº 4, in fine).

5. Igreja-Sacramento: "realidade complexa" e "fórmula adequada":

Já pelo que ficou exposto, mesmo sob o aspecto preciso de Sacramento de Cristo, a Igreja apresenta-se como uma entidade complexa, e este aspecto não deve ser ignorado, pois se trata de um "mistério divino", e não de uma "coisa" que possa ser examinada e decomposta em seus elementos, como uma peça de laboratório...

Além disso, é um "mistério trinitário", pois que se prende à própria natureza trinitária de Deus. Com efeito, no seu plano salvífico, Deus revela a sua Trindade transcendental: Pai, Filho, Espírito Santo.

De outro lado, a Igreja, na sua forma visível, apresenta-se como uma comunidade estruturada sobrenaturalmente, isto é: ela possui uma estrutura social, porém baseada na ordem sobrenatural. Esta "complexidade" não quer dizer "imperfeição", mas revela uma característica própria e necessária da Igreja, que, como já dissemos, não deve ser ignorada. (8).

Procuremos, por isso, ter uma idéia mais exata desta mesma complexidade:

- 1 – **Seus elementos constitutivos:** Como "sacramento", a Igreja tem um aspecto visível e um conteúdo invisível. Isto de si mesmo parece muito simples, mas não o é na verdade. Vejamos:

- a – **aspecto visível:** trata-se do "povo de Deus", isto é dos cristãos em concreto, e não só da comunidade em abstrato. Portanto, trata-se de muitos indivíduos, com suas características pessoais, suas psicologias próprias, seus problemas, etc. Certamente, esta "complexidade" é impressionante, mas, nos planos divinos, serve para revelar a "grandeza" do amor de Deus, que não só cria homens tão diferentes entre si mas a todos atrai a si... Outro elemento deste aspecto visível é a "hierarquia" da Igreja, de feição toda especial, pois não se amolda às categorias sociais comuns, devido ao seu caráter "sacramental". De fato, toda a hierarquia da Igreja, como nos ensina o Vaticano II, funda-se na "vida sacramental": nasce dos sacramentos (Batismo, Crisma, Eucaristia...) e destina-se à administração dos sacramentos. Por sua vez, os sacramentos, com a Liturgia a que estão ligados, constituem outro elemento complexo, em que gestos e palavras se ordenam a efeitos misteriosos, que organizam, sustentam e aperfeiçoam a Igreja (SC n° 6).

(8) P. Smulders: "Pour saisir ensuite tout le caractère propre de la sacramentalité chrétienne, il faut considérer deux vérités. D'abord, l'union que Dieu veut établir avec lui saisait l'homme tout entier, corps et âme, dans sa personnalité individuelle, et dans sa nature sociale. Pour être pleinement ce qu'elle exprime, union avec l'homme tout entier, il faut que la grâce se concrétise en des signes qui, nécessairement sociaux, sont aussi destinés en fin de compte à la personne individuelle. Ensuite, la grâce chrétienne sauve ceux qui étaient perdus et ramène l'homme à Dieu". - L'Eglise sacrement du salut, in "L'Eglise du Vatican II, tom. II, pg. 327, du Cerf.

b — **aspecto invisível:** Temos Cristo, Cabeça de toda a Igreja, que é seu Corpo, ao qual comunica seus dons por meio do Espírito Santo. Temos o mesmo Espírito Santo que, habitando nas almas dos cristãos, dá unidade e vida a toda a Igreja. Temos a "graça santificante", repercussão da "presença" de Deus (da SS. Trindade) na alma de cada cristão (LG nº 2, 3 e 4).

2 — **O significado da palavra "sacramento":** Certamente, a fórmula: a Igreja é um "Sacramento de Cristo" nos dá uma idéia mais precisa do que seja a Igreja de Cristo do que as muitas imagens empregadas para descrevê-la. Isto se deve, em primeiro lugar, ao fato de se tratar de uma "fórmula dogmática", e não de uma "imagem", a qual, por sua própria natureza, como linguagem simbólica, diz respeito mais ao aspecto invisível da Igreja (consideremos a imagem da videira, no Evangelho de S. João - Jo. 15,1 ss).

Além disso, os próprios termos da "fórmula" chamam a atenção para os elementos essenciais constitutivos da Igreja, coordenando-os de modo justo: forma visível da graça invisível de Cristo...

No entanto, esta mesma precisão empobrece, de alguma forma, o significado da fórmula. Com efeito, ela diz respeito, antes de tudo, à "estrutura" da Igreja, isto é, ao seu "esquema", o qual, como vimos, supõe uma teologia muito ampla e fecunda, mas não nos fala da "realidade" da Igreja que vemos no mundo. Neste ponto, as grandes "imagens", que a "Lumen Gentium" cita e desenvolve no capítulo destinado ao "mistério da Igreja", dizem muito mais do que a fórmula sacramental. Podemos, mesmo, fazer algumas restrições quanto à sua adequação à realidade eclesial, por exemplo: quanto à posição do não-cristão que morre na graça divina... Ainda que recorramos à solução do "batismo em voto", não podemos dizer, adequadamente, que ele também faz parte da Igreja estruturada como sacramento. O mesmo se diga de todos os batizados pertencentes a igrejas que não aceitam a hierarquia sacramental da Igreja Católica Roma...

Mas mesmo assim, a fórmula sacramental é válida, desde que tenhamos presente que ela se refere, não a uma Igreja em abstrato, mas à que atualmente subsiste, estruturada concretamente conforme o plano salvífico de Deus, cujo "exemplar" foi o Homem-Deus, o Verbo Incarnado, Sacramento Primordial. (LG nº 1).

6. A Igreja-Sacramento no Vaticano II:

Até aqui traçamos, em linhas gerais, uma "teologia sacramental" da Igreja que, mesmo na sua complexidade, tem um endereço certo: Cristo. Isto é: a Igreja é Sacramento de Cristo. Nisto nos inspiramos nos teólogos mais recentes que trataram do assunto.

No que diz respeito ao Vaticano II, devemos verificar se também se pode dizer que existe uma perspectiva sacramental com o mesmo endereço, isto é, que ligue a "sacramentalidade" da Igreja diretamente a Cristo. A nosso ver, podemos verificar esta perspectiva através de duas "constantes" que aparecem com frequência nos documentos conciliares do Vaticano II:

- 1ª —o "mistério" da Igreja é constantemente apresentado em forma sacramental: sinal expressivo e graça divina...
- 2ª —o "mistério" da Igreja é constantemente posto em relação ao "mistério" de Cristo, não raro em relação com a Incarnação...

Como não podemos, neste breve trabalho, aprofundar toda a eclesiologia do Vaticano II, vamos limitar a nossa pesquisa e estudo aos textos em que, de uma forma ou de outra, a Igreja vem apresentada em forma sacramental, ainda que não se empregue o termo, pois em tais textos, mais do que em outros, podemos conhecer a verdadeira "mente" do referido Concílio. Isto é: se a referência à "sacramentalidade" da Igreja é feita de passagem, sem maiores implicações doutrinárias, ou se é intencional e, neste caso, o que realmente quer significar.

Lumen Gentium nº 1: "E porque a Igreja de Cristo é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano..."

Aqui claramente se liga a Igreja à Cristo, e não só ao seu fundador (Igreja de Cristo), mas como "sinal e instrumento" da íntima união com Deus, pois esta "função sacramental" é exercida "em Cristo"... (9).

Notemos ainda que a expressão "íntima união com Deus e unidade de todo o gênero humano" aparece como "finalidade e efeito" desta função sacramental que a Igreja exerce "em Cristo". Não aparece, aqui, nenhuma referência à ação intermediária do Espírito Santo. Isto não quer dizer que a Terceira Pessoa da SS.

(9) S. Tomás escreve: "Huius autem corporis mystici est unitas spiritualis, per quam fide et affectu caritatis invicem unimur, et Deo, secundum illud: "Unum corpus, et unus spiritus" (Ef. 4,4) Et quia spiritu unitatis a Christo in nos derivatur: "Si quis spiritus Christi non habet, hic non est ejus" (Rom. 9,9), ideo subdit "in Christo", qui per spiritum suum, quem dat nobis, nos invicem unit, et Deo. (J. 17,21): "Ut sint unum in nobis, sicut et nos unum sumus".

Trindade nada tenha a haver com a "sacramentalidade" da Igreja, mas, certamente, a Igreja não aparece aqui como "sacramento do Espírito Santo", e, sim, de Cristo.

Lumen Gentium nº 2: Trata do designio salvífico do Pai, que se concretiza em Cristo, "que é a imagem de Deus, o primogênito de toda a criatura" (Col. 1,15). Quanto à Igreja, diz que "foi pré-figurada, fundada nos últimos tempos e "manifestada" pela efusão do Espírito"...

Portanto, quanto à Cristo, é ele apresentado como "Sacramento do Pai". Quanto à Igreja, ela é "manifestada" pela efusão do Espírito Santo. O termo "manifestada" supõe, naturalmente, que a Igreja tem a sua origem em outra fonte (fundada por Cristo), e não no próprio Espírito Santo. Outra interpretação, equivaleria a um esforço vão para tirar deste texto conclusões que ele não comporta.

Lumen Gentium nº 3: Trata da missão do Filho. O Pai o envia porque foi nele que nos "escolheu e predestinou para sermos filhos adotivos"... "Cristo inaugurou na terra o reino dos céus e realizou a redenção"... "A Igreja, ou seja o reino de Cristo já presente em mistério, pelo poder de Deus cresce visivelmente no mundo".

Mais uma vez verificamos que o mistério da Igreja está intimamente ligado a Cristo. Não se faz referência ao Espírito Santo, embora se possa interpretar a expressão "pelo poder de Deus" como ação própria do Espírito Santo, à semelhança do que ocorria no AT (ruah).

Importante é ainda a referência ao sacramento da Eucaristia, que "significa e realiza" a união de todos os fiéis em Cristo, pondo a Igreja em íntima ligação com o próprio Cristo sacramentado.

Lumen Gentium nº 4: Trata da missão do Espírito Santificador na Igreja. "Consumada a obra que o Pai confiara ao Filho, foi enviado o Espírito Santo afim de santificar perenemente a Igreja"... "O Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gal. 4,6; Rom. 8,15-16 e 26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (cf. Jo. 16,13). Unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos... leva-a à união consumada com seu Esposo".

Mais uma vez, liga-se a Igreja, antes de tudo, a Cristo, como "obra que lhe foi confiada pelo Pai". Ao Espírito Santo compete "manifestar" a Igreja, na sua unidade visível e invisível, concretizada na hierarquia e nos carismas.

A conclusão a tirar deste artigo, é que a Igreja é obra trinitária, do Pai, como desígnio eterno; do Filho, como "sacramento de salvação"; do Espírito Santo, como "manifestação" de sua "sacramentalidade"... "Desta maneira aparece a Igreja toda como o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Lumen Gentium nº 5: "Por isso, a Igreja, enriquecida com os dons de seu Fundador... recebeu a missão de anunciar o reino de Cristo e de Deus, de estabelecê-lo em todos os povos..."

Ainda aqui, a Igreja é apresentada como "Sacramento de Cristo", para anunciar e estabelecer o reino de Cristo e de Deus.

Lumen Gentium nº 6: A Igreja é chamada Esposa de Cristo, pois que Cristo "amou-a e por ela se entregou, para santificá-la (Ef. 5,26), associou-a a si por uma aliança indissolúvel, e incessantemente a nutre e dela cuida (Ef. 5,29)"

A Igreja, portanto, aparece, na sua história atual e concreta, como ligada diretamente a Cristo glorificado, que "a nutre e dela cuida"...

Lumen Gentium nº 7: Trata da Igreja como Corpo místico de Cristo. Nesta imagem, Cristo aparece como a "cabeça", que influi em todos os membros, comunicando-lhes unidade e vida, por meio de "seu" Espírito.

Notemos que de Cristo se diz expressamente que ele é "a imagem de Deus invisível", isto é o "sacramento de Deus". A Igreja, por sua vez, aparece como um "prolongamento" de Cristo, uma "continuação" de Cristo por meio do "seu" Espírito, enviado a todos os "seus irmãos", para compor com ele um só Corpo: "Ao comunicar o "seu" Espírito, fez de seus irmãos, chamados dentre todos os povos, os componentes de seu próprio Corpo".

Notemos ainda que neste artigo se faz a identificação da ação de Cristo na sua Igreja com aquela exercida pelo Espírito Santo, pois tanto se diz: "Ele mesmo (Cristo) distribui continuamente os dons dos ministérios no seu Corpo, que é a Igreja", como se diz: "um só é o Espírito que, para utilidade da Igreja, distribui seus vários dons". Esta identificação só pode ser entendida dentro da imagem do "Corpo Místico de Cristo", e não de um corpo físico, pois, de fato, na Igreja, Cristo comunica, ele mesmo, os seus dons, mas através do Espírito, assim que este tem, também, uma ação ativa na "manifestação" da Igreja, através da hierarquia e dos carismas (LG. nº 4). Portanto, esta passagem não contradiz as anteriores, que a Igreja é "obra de Cristo", "sinal e instrumento" de sua redenção, mas,

confirmando-a, completa-a, explicando o "modo" como Cristo "comunica" seus dons aos cristãos.

Lumen Gentium nº 8: Trata da única Mediação, a de Cristo. Foi como "único Mediador" que ele "constituiu e incessantemente sustenta aqui na terra a sua santa Igreja, como organismo visível ... realidade complexa, em que se funda o elemento divino e o humano".

Para nosso intento, este parece o texto fundamental: A Igreja, de fato, é aqui descrita como "forma visível de uma graça invisível", isto é: como "sacramento", e como "sacramento de Cristo", visto que ele a "constituiu e incessantemente a sustenta, aqui na terra, para difundir a verdade e a graça".

É neste artigo que encontramos a já famosa "analogia" entre Incarnação e Igreja: "É por isso, mediante não medíocre analogia, comparada ao mistério do Verbo Incarnado, pois como a natureza assumida indissolavelmente por ele serve ao Verbo divino, como órgão vivo de salvação, de modo semelhante o organismo social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica para o crescimento do corpo (Ef. 4,16)".

Já dissemos que, na concretização do desígnio salvífico do Pai, podemos encontrar um "esquema" que se repete, embora não da mesma forma, tanto em Cristo como nos cristãos (na Igreja). Fizemos também notar que o "esquema", nos dois casos, se liga por uma profunda e sobrenatural relação: a saber a "mediação" de Cristo. Uma vez redimida a humanidade e tendo recebido do Pai todo o poder, ele comunica seus bens aos cristãos por meio do seu Espírito, constituindo a Igreja.

Na "analogia" da *Lumen Gentium*, vemos expresso o mesmo "esquema", mas de forma ainda mais precisa, pois que se acentua não tanto a "presença" de Cristo em sua Igreja, como a "instrumentalidade" desta, comparada à "instrumentalidade" da natureza humana do próprio Cristo. O termo "serve" diz que assim como a natureza humana de Jesus "serviu" ao Verbo divino como órgão vivo de salvação, assim também a Igreja, como organismo social, "serve" ao Espírito de Cristo para a salvação.

Fala-se, com respeito à Igreja, do "Espírito de Cristo", e não só de Cristo ou do Espírito, porque, como vimos, Cristo age na Igreja por meio do "seu" Espírito. Logo, a Igreja, também neste texto, aparece como "Sacramento de Cristo", em íntima relação com o "mistério" do próprio Cristo (Incarnação)

Lumen Gentium nº 9: Na conclusão deste artigo encontramos esta declaração: "Deus convocou e constituiu a Igreja... afim de que ela seja para todos e para cada um o "sacramento visível desta salutífera unidade".

Quando se lê e se considera atentamente tudo o que precede, vê-se que, no fundo, o pensamento do Concílio é este: "A Igreja é um sacramento visível da unidade de todos os cristãos porque é o sacramento de Cristo... porque "Cristo a dotou de meios aptos de união visível e social".

Lumen Gentium nº 48: "Ressurgindo dos mortos (cf. Rom. 6,9), enviou (Cristo) aos discípulos o seu vivificante Espírito, e por ele constituiu o seu Corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação".

Logo, a Igreja é sacramento universal de salvação, mas porque recebeu o Espírito vivificante de Cristo. Em outras palavras: Sacramento de Cristo.

Gaudium et Spes nº 42: "Porquanto ela (a Igreja) é "em Cristo" como que um sacramento ou sinal e instrumento da união profunda com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

Cita-se, aqui, a *Lumen Gentium* nº 1, mas dando acento especial à sua finalidade: união com Deus e unidade dos homens, e isto se compreende porque está no contexto da Constituição Pastoral "Gaudium et Spes", que vê a Igreja integrada no mundo dos homens.

De resto, fica de pé as considerações que já fizemos sobre o mesmo texto.

Gaudium et Spes nº 45: "... deriva do fato de ser a Igreja "sacramento universal da salvação"...", citado da *Lumen Gentium* nº 48, que já comentamos.

Sacrosanctum Concilium nº 2: Toda a Liturgia da Igreja é apresentada como decorrência do aspecto "sacramental" da Igreja: "Caracteriza-se a Igreja por ser, a um tempo, humana e divina, visível e ornada de dons invisíveis..."

Sacrosanctum Concilium nº 5: "Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja".

Aqui a Igreja não só é apresentada como "sacramento", mas declara-se também que este aspecto sacramental está ligado intimamente à "natureza humana" de Cristo: ELA NASCEU DE SEU LADO NA CRUZ...

Sacrosanctum Concilium nº 26: "... mas as celebrações da Igreja, que é o sacramento da unidade, isto é o povo santo, unido e ordenado sob a direção dos Bispos"...

O sentido é evidentemente "pastoral", mas nada tira do que já ficou dito sobre o sentido da Igreja como "sacramento da unidade".

Ad Gentes nº 1: "Enviada por Deus às nações para ser o "sacramento universal da salvação", esforça-se a Igreja..."

Cita-se a *Lumen Gentium* nº 48, e acentua-se a "finalidade" sacramental da Igreja, por motivos pastorais...

Ad Gentes nº 5: "Antes de ser assumido ao céu, (Cristo) fundou a sua Igreja como sacramento de salvação".

Mesmo comentário como acima.

Ad Gentes nº 21 (in principio): "A Igreja... não é perfeito sinal de Cristo entre os homens se não existe..."

Logo, a Igreja é "sinal" de Cristo, e, pois, "sacramento" de Cristo, embora nem sempre este sinal seja muito claro, devido aos pecados da própria Igreja (dos cristãos)...

Ad Gentes nº 21 (in fine): "Respeitadas... toda a Igreja preste um só testemunho vivo e firme de Cristo, afim de que ela se torne lúcido sinal da salvação que em Cristo nos chegou".

Mais uma vez, a Igreja é apresentada como "sinal" de Cristo, melhor como "sinal de salvação de Cristo", o que só pode significar: ela é o "sacramento de Cristo" para a salvação universal... (10).

Concluindo: Não queremos dizer, com esta breve exegese dos textos citados, que a verdadeira e mais legítima "definição" da Igreja seja a de "Sacramento de Cristo", e que esta definição seja proposta pelo próprio Concílio Vaticano II.

Mas parece claro, de tudo o que vimos, que há, verdadeiramente, na eclesiologia do Vaticano II, uma visão constante da Igreja como "Sacramento de Cristo".

Como já observamos, a partícula "veluti", que encontramos logo de início no artigo nº 1 da *Lumen Gentium*, exclui uma interpretação "sacramental" da Igreja demasiado simplista, pois a Igreja é uma realidade complexa e só pode ser vista como "sacramento" na luz do "Sacramento Primordial", que é Cristo: A Igreja, portanto, é, "em Cristo", como que um "sacramento"... Mas se a desligarmos de Cristo, ela perderá todo o seu sentido "sacramental"... Ou será apenas um "corpo místico", identificado com a pessoa do Espírito Santo, ou um "corpo social", identificado apenas com a unidade "moral" dos cristãos. Nunca, porém, será o "Corpo de Cristo"!

(10) **R. Latourelle:** "Les traits qui révélait Dieu dans le Christ continuent de le révéler dans l'Eglise. Mais tandis que les signes, dans le Christ, se concentrent dans un point de l'espace et de la durée, dans l'Eglise ils s'étalent suivant les dimensions de l'histoire et de la géographie. ... Mais non pouvons pousser plus loin celle vue synthétique des signes et affirmer qu'il n'existe en définitive qu'en *seul* signe de la vérité du christianisme, à savoir, "le Christ dans l'Eglise". Le signe "total", c'est le Signe du Christ perçu à travers le signe de l'Eglise, sacrement du Christ, ou signe du Signe de Dieu...

— Le Christ et l'Eglise, signes du salut, Desclée (1971) 68-69.

PADRE TEODORO AMSTAD INICIADOR DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

Pe. Ruben Neis, S.J. _____

FATHER TEODORO AMSTAD FOUNDER OF THE CREDIT COOPERATIVISM IN BRASIL

Here we present the lecture held by Fr. Ruben Neis, a famous History researcher, filing agent and genealogist, member of several national scientific institutions. This lecture has been forwarded in São Leopoldo, on September 18, 1976, at the second symposium of the History of the German pioneer immigration to Rio Grande do Sul, Brasil. The opportunity was stated by the near 125th. anniversary of Fr. Teodoro Amstad, S.J. He was an outstanding personality of the missionary clergy in the far South of Brasil since 1885 to 1938.

The lecturer underlines specially that Fr. Amstad had become a social apostle, in the broad sense of this word. This fact due do many decisive features, among them having been the most important: his family education, his life in Switzerland, his jesuit education, his being a very simple parish helper for many years. From this social and pastoral work outgrew Fr. Amstad, a master in statistics, genealogist, geographer, founder of several agricultural institutions, the field worker, the popular writer, and even the history researcher. For this reason, and, having been everything to everybody, Fr. Amstad is remembered up to our days, mainly in the cooperativistic activities of South Brasil.

Conferência proferida pelo Pe. Ruben Neis em São Leopoldo, aos 18 de setembro de 1976, no 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul.

Quando em 1937, em meu primeiro ano de estudos no Seminário Menor desta cidade de São Leopoldo, nos deslocávamos duas vezes por semana para a chácara do Seminário, nas proximidades do cemitério dos jesuítas, onde havia campos de futebol, piscina de banhos e lugares aprazíveis para descanso, encontrávamos de vez em quando na casa dos padres velhos ou em suas imediações, preso a uma cadeira de rodas, um sacerdote pequeno, alquebrado por 86 anos de vida, quase completamente paralizado, já impossibilitado de celebrar sua missa diária.

Não imaginava eu naquela época que essa ruína humana, doente mais anos do que eu tinha de vida, era um dos maiores benfeitores da zona colonial, pessoa de valor insuperável, uma verdadeira relíquia do nosso Rio Grande, e se tornaria em 1975, por ocasião da fundação do Instituto Histórico de São Leopoldo, o patrono da cadeira nº 12. Muito menos podia eu imaginar que teria a honra de ser o primeiro ocupante dessa cadeira e que, conseqüentemente, me caberia a grata incumbência de estudar sua rica vida, para falar da grandeza desse coração humano e de seus beneméritos trabalhos a este seletto auditório.

Trata-se, senhores, do Pe. Teodoro Amstad, da Companhia de Jesus, que no grandioso monumento erguido no ano de

1942 em sua homenagem pela Central das Caixas Rurais na localidade de Linha Imperial, no município de Nova Petrópolis, aparece não apenas como sacerdote, mas e cognominado "Colonorum Pater", o "Pai dos Colonos", pela sua dedicação ininterrupta e onímoda, durante 53 anos, desde sua chegada ao Brasil em 1885, até a morte em 1938, ao bem-estar econômico, cultural e religioso do nosso homem do interior.

A pessoa mais indicada para falar nesta noite sobre o Pe. Amstad seria sem dúvida o Pe. Artur Rabuske, o historiador da Companhia de Jesus em nossa terra, a quem agradeço os valiosos subsídios que me ofereceu para esta palestra. Se aceitei minha designação é por ter, pelo artigo 35 dos Estatutos do Instituto Histórico, a atribuição a que não posso fugir, de difundir os méritos do patrono da cadeira que estou ocupando.

Para compreender o caráter e a múltipla atividade do Pe. Amstad no seio da colônia alemã, é necessário conhecer sua origem e o ambiente em que ele cresceu e se formou na Europa. Amstad em seus últimos anos de vida teve a feliz idéia de escrever "Erinnerungen aus meinem Leben", "memórias Auto-Biográficas", em que retrata fielmente sua pátria, a aldeia natal, a origem e atividade dos pais, a vida na casa paterna, os estudos e trabalhos, a formação na Companhia de Je-

sus, para depois falar de sua vinda para o Brasil e da sua atividade em nosso meio.

Ninguém que deseja saber algo de mais profundo sobre a vida de Amstad, pode prescindir desse volumezinho de 110 páginas, já raro, publicado pela Sociedade União Popular após a morte do autor, e cuja tradução portuguesa o Pe. Rabuske em boa hora está preparando, em comemoração do 125º aniversário de nascimento do ilustre sacerdote, que ocorrerá daqui a dois meses.

Na Casa Paterna

O Pe. Teodoro, cujo nome significa "dom de Deus", foi realmente uma "dádiva de Deus" para a nossa colônia. Nascido na Suíça, no Cantão de Unterwalden, na aldeia de Beckenried, à beira do Lago dos Quatro Cantões, no dia de São Teodoro, aos 9 de novembro de 1851, seu dia onomástico sempre coincidia com o aniversário de nascimento.

Por parte de sua mãe descendia por linha direta em 13º grau de São Nicolau de Flue, falecido em 1487, pai de 10 filhos, piedoso campônio, magistrado no governo de sua terra e comandante de soldados, que evitou a guerra fratricida e promoveu a unidade do país. Depois de ser no mundo civil e militar, para sua família e a sociedade, um exemplo luminoso de virtudes íntegras, tornou-se eremita, vi-

vendo na oração, em rigoroso jejum e penitência os últimos 20 anos de sua vida, procurado por particulares e homens públicos, que viam nele um conselheiro e homem de Deus. Sua fama de santidade atravessou os 5 séculos que nos separam dele, e as peregrinações para sua ermida iniciadas em sua vida avolumaram-se no decorrer desse tempo até os dias atuais. São Nicolau de Flue é o grande santo e o padroeiro da Suíça, e foi canonizado solenemente por Pio XII em 1947.

Amstad nos conta que seu bisavô, do lado materno, tomou na defesa heróica de sua terra natal, por ocasião da invasão francesa em Miedwalden, na época de Napoleão.

O avô materno era um dos médicos mais procurados e estimados de todo o cantão, e ao mesmo tempo dono da drogaria cantonal, onde todos os médicos da redondeza se proviam do necessário para sua farmácia particulare. Combinava com os netos a colheita e secagem das plantas medicinais, e lhes pagava conscienciosamente o trabalho. Além disso era ele o principal agricultor do cantão, com duas propriedades rurais e 40 vacas leiteiras.

De sua avó Amstad diz que era de estatura muito pequena, mas que tinha um grande e bom coração e muita exatidão no cumprimento dos deveres. Uma filha era tão pequena, que tinha dificuldade para cozinhar. Por

isso tiveram de levantar ao redor do fogão um degrau, para que ela pudesse ver para dentro das panelas e cumprir sua missão de cozinheira. Podemos dizer que da avó nosso biografado herdou não só a estatura, que o tornou conhecido como "o pequeno padre", mas também o grande e bom coração e a exatidão nos deveres. E o espírito de oração, cultivado na vida dos avós que, apesar de relativamente ricos, gostavam de rezar.

Com palavras de grande amor filial Amstad se refere à piedade e ao espírito de solidariedade humana e de trabalho dos pais.

O pai, quando ainda solteiro, foi para a Itália empregar-se em casa comercial, onde aprendeu a lidar no comércio e a falar italiano. Depois de casar em 1834, abriu loja de fazendas, e a seguir armazém de "secos e molhados", onde negociava de tudo, mas o queijo veio a ser um dos artigos principais, inclusive com exportação desse produto em grande quantidade para a América do Norte e o Brasil. O pai também se dedicava muito a tarefas comunitárias e sociais, de maneira que quando ele faleceu em 1866, aos 59 anos de idade, terminou, conforme Amstad, "uma vida de trabalho em favor da família e da sociedade, por Deus, pela Igreja e pela Religião".

Devemos ressaltar que aos 13 anos de idade Teodoro teve de

administrar o armazém, pois o pai estava doente de câncer, de que veio a falecer dois anos depois: "Meu pai, que já então estava doente, passou a depender inteiramente de mim. Eu era o chefe supremo do armazém aos 13 anos de idade". E ele conta que todos os dias ia bem cedo à missa e depois, até alta noite, se dedicava aos trabalhos do armazém.

De sua mãe, Teodoro escreveu: "Quando o pai saía em viagem de negócios, cabiam à mãezinha todos os cuidados do armazém, da família e da educação dos filhos. Além disso ela era a "mãe dos pobres" do nosso lugar. Seu amor efetivo a impelia para todos os que sofressem penúria. Nos domingos de inverno, quando ainda era escuro e frio, vinha mamãe para junto de nossas camas chamando: "De pé! Está na hora da primeira missa". Não podíamos faltar. Depois tomávamos o nosso café e voltávamos à igreja, para a missa solene. Mamãe era de uma piedade autêntica e robusta. Quando, em 1870, lhe confiei o propósito de ser jesuíta, ela chorou, não por causa da separação iminente, mas de alegria pelo fato de poder dar um filho a Deus".

A mãe do Pe. Teodoro, quando já velhinha, alquebrada pelos anos e parcialmente parálitica, como mais tarde o seria também o filho, pedia diariamente aos netos que a levassem em cadeira de rodas para a igreja.

Entre outras recordações benéficas, Teodoro ainda aduz: "Mamãe assistia à santa missa sempre que possível, papai tantas vezes quanto o tempo lho permitia. Também se rezavam as orações à mesa, mesmo na presença de hóspedes e de estranhos, sempre em comum e em voz alta. O dia terminava com a reza do terço em comum".

Teodoro lembra-se do relógio da casa, que todos deviam seguir, e que lhes ensinava a pontualidade. E lembra-se de um grande espelho, não tanto pelo espelho, mas porque detrás dele espiava a varinha ameaçadora que, quer queiramos, quer não, até há pouco tempo colaborava na educação das crianças. E lembra-se que, apesar de serem mais ricos que os vizinhos, os pais exigiam que em dias de semana andassem como as outras crianças com roupas simples e rústicas, mas fortes, tecidas em casa por uma tia.

Sobre estes fundamentos recebidos em casa, Teodoro construiu a sua vida. Ao começar o depoimento sobre seus antepassados, ele escreve: "Como a árvore haure sua vida das raízes e cresce para o alto, assim o homem procede da família. Avós e pais influem decisivamente sobre a vida futura da jovem criança. A boa origem é o melhor fundamento para a vida. Devo dizer com a mais íntima convicção: também nisso Deus

foi muito bom para comigo". E em outra passagem: "Não trabalhar apenas para mim mesmo, mas pelos outros, pelo bem comum, também isto aprendi dos pais e avós, que estavam sempre à ponta de todas as iniciativas de utilidade comum".

Poderíamos acrescentar que o fruto não cai longe da árvore. E devemos agradecer ao casal Amstad por nos ter dado e educado o pequeno Teodoro que, transplantado para o Brasil, insstilou nas famílias da nossa zona colonial este mesmo espírito de altruísmo comunitário que ele herdou e adquiriu de seus pais e avós.

Sua Pátria

Teodoro permaneceu na casa paterna até os 13 anos de idade. Depois, durante vários anos, voltava no período de férias. A partir dos 18 anos nunca mais esteve na Suíça. Mas não esqueceu sua pátria e a terrinha natal. Quase a metade da autobiografia, 40 páginas, dedica à sua família e ao seu país. O octogenário lembra-se dos mínimos acontecimentos de sua infância, das casas de sua aldeia natal, descreve minuciosamente a igreja e as festividades religiosas, os altares, as imagens dos santos, a pia batismal de mármore preto e branco, os dias de jejum e abstinência, e conclui: "Na igreja de minha terra natal tudo convidava para a piedade e a devoção. Sobre as asas da

feliz recordação meu espírito se apraz em voltar até lá".

Descreve a composição do governo cantonal, os métodos de administração, a cobrança dos impostos e das dívidas, as reuniões comunitárias.

Fala do uso das velas de cebo e dos candeeiros de azeite, de sua substituição pelo querosene e a conseqüente derrubada das nogueiras para aproveitamento do terreno para outras plantações. Fala do uso das penas de ganso na escrita, e da necessidade constante do professor ter à mão uma faquinha para apontar as penas usadas pelos alunos, e fala de introdução, nessa época, das penas de aço inglesas. Fala dos alfaiates que iam de casa em casa, costurando as roupas à mão, e da introdução da máquina de costura, também nessa época, que forçou daí em diante a ida dos fregueses para a alfaiataria, e fala da introdução da máquina nas sapatarias.

Lembra-se dos mínimos detalhes geográficos, descreve as margens estreitas em que surgiram as aldeias, apertadas entre o Lago dos Quatro Cantões e as montanhas, o pouco espaço para as plantações, que teve por conseqüência a economia pastoril nas montanhas e o máximo aproveitamento das terras. Fala das árvores frutíferas e das hortas cultivadas ao lado das casas, da adubação que era feita duas vezes por ano com adubo orgânico, da roda de fiar que

cada família possuía, e duma infinidade de outras coisas que seria fastidioso enumerar, mas que ajudaram a formar o futuro condutor e conselheiro de colonos em terras brasileiras.

Fala da escola particular que frequentou, e que proporcionava bons resultados devido à divisão da matéria escolar, ao interesse do corpo docente, e de maneira especial graças à atividade do diretor, que movido pelo amor a Deus e ao próximo, via em cada um de seus alunos um filho de Deus. E continua: "Se aqui em minhas memórias evoco de maneira especial este meu professor, minha gratidão e minha convicção me obrigam a dizer que dotes naturais e religiosidade são no magistério um meio tão eficaz, senão mais eficaz que sua formação científica. Pode ser que hoje nas escolas primárias se infunda nas cabeças mais sabedoria que nos meus tempos escolares há 80 anos atrás; mas é discutível se estes conhecimentos são mais úteis para a vida que as antigas verdades fundamentais"

Quanto à situação geral de seu país, Amstad fala dum radicalismo político que se estabeleceu após a revolução de 1848 até inícios deste século, e que explorava a derrota dos cantões católicos. Para a defesa dos direitos religiosos e civis surgiram a Associação de Pio (Piusverein), a Sociedade União Po-

pular (Volkverein) e o Partido Popular Católico (Katholische Volkspartei), que conseguiram representar com energia os interesses católicos. E conclui: "Só nos inícios do século vinte se chegou a compreender que uma colaboração harmoniosa é mais benéfica que o combate em lados opostos. E pode-se dizer que hoje há poucos países que, apesar da diversidade de cosmovisões, se mostram tão unidos para o bem comum como a Suíça".

A Formação Jesuítica

Os estudos ginasiais e eclesiásticos, Teodoro os fez fora da Suíça. Sua família sempre esteve muito ligada aos padres jesuítas. Dois irmãos de sua mãe tinham feito o ginásio no Colégio Stella Matutina, em Feldkirch. Em 1864 também Teodoro se matriculou no mesmo Colégio e nele estudou durante seis anos como aluno interno. No término dos estudos ele e mais seis colegas decidiram entrar na Companhia de Jesus.

Fez o Noviciado em Gorheim, de 1870 a 1872; O Biênio de Humanidades em Wynandsrade, ao sul de Limburgo, de 1872 a 1874; três anos de Filosofia em Blyenbeck, de 1874 a 1877; foi professor em Feldkirch, de 1877 a 1878; escritor-ajudante do Pe. Schleiniger, em Wynandsrade, de 1878 a 1881, para então fazer o curso de Teologia e a Terceira Provação na Inglaterra, de 1881 a 1885.

Eram os cursos normais dos jesuítas. Amstad, em 15 páginas de autobiografia, anota recordações desses anos passados em diversas localidades. Apenas vou referir algumas, que se relacionam com suas atividades futuras em terras brasileiras.

Diz ele que a região ondulada do sul do Limburgo lhe proporcionou belas excursões e estímulos para a confecção de cartas geográficas. E continua: "Com isso o sul de Limburgo teve seu desenho num mapa especial e de tal forma, que Wynandsrade fosse ocupar o seu ponto central". Foi também ali que Teodoro procurou aperfeiçoar-se no estudo da língua alemã e na retórica sacra, que mais tarde lhe proporcionaram grandes êxitos na zona colonial de nosso Estado.

Durante os estudos de filosofia, em Blyenbeck, Teodoro se dedicou aos trabalhos de encadernador, de que diz na autobiografia: "Fiquei até hoje com a encadernação de livros como meu passa-tempo predileto". Também sentia atração pelo estudo das ciências naturais, como a física, química e astronomia, e por isso afirma: "Foi nelas que encontrei uma compensação para o estudo árido da filosofia". O conhecimento da astronomia deve ter-lhe sido muito útil, mais tarde, na confecção das cartas geográficas.

Ainda na época dos estudos de filosofia, fazia com colegas longas caminhadas para coletar

sinetes dos escudos das famílias. Vemos já o interesse pela genealogia e pela história das famílias, em que tanto se distinguia mais tarde no meio das nossas famílias de origem alemã.

No dia 8 de setembro de 1883 Teodoro Amstad foi ordenado sacerdote na Inglaterra, e no dia seguinte celebrou sua primeira missa. A mãezinha, já idosa, teve a felicidade de assistir a estas cerimônias, que terão pertencido aos dias mais belos de sua vida.

Terminando toda a escala dos currículos de sua formação em 1885, o Pe. Teodoro Amstad estava preparado para enfrentar o futuro e recebeu sua destinação: missionário no sul do Brasil.

Na Cura de Almas

Em sua viagem para o Brasil pelo navio "Patagônia", o Pe. Teodoro Amstad e seus quatro companheiros jesuítas estranharam uma coisa: no porto francês de Bordeaux, e no de Lisboa, foram carregadas grandes quantidades de vinho, batata inglesa e cebolas, que, segundo Amstad, "a Europa superpovoada enviava para a América Meridional, de população bastante rarefeita. Francamente, estivemos sumamente estupefatos, ao vermos que esses gêneros alimentícios se destinavam à nossa nova pátria brasileira".

Amstad veio para trabalhar como sacerdote jesuíta na cura de almas. Em dezembro de 1885 foi nomeado vigário-cooperador de São Sebastião do Caí. Doze anos depois transferiu-se para São José do Hortêncio, com a mesma função de vigário-cooperador, e oito anos mais tarde para Nova Petrópolis como administrador daquele distrito, que então ainda fazia parte de São Sebastião. Trabalhou, portanto, 22 anos no vale do Caí. De 1908 a 1912 esteve como vigário-cooperador na então muito extensa paróquia de Lajeado, no vale do Taquari. Foram anos de contínuo contato com o homem da região colonial.

A paróquia de São Sebastião do Caí, em 1885, era uma faixa estreita e comprida ao longo do rio Caí. A sede paroquial situava-se no extremo sul, distando apenas meia hora a cavalo de seus limites. Para chegar ao outro extremo da paróquia, eram necessárias ao menos doze horas. Além disso, com muitos morros e vales e o rio Caí riscando a paróquia pelo meio, em Nova Petrópolis, tornava-se muito incômodo o seu atendimento.

O coadjutor Pe. Amstad ficou encarregado de todo o interior da paróquia. Tendo um senso pronunciado pela ordem, procurou organizar-se. Achou necessário conhecer logo o seu rebanho, os moradores dispersos, de várias religiões e origens.

O Mestre em Estatísticas

Começou então o trabalho da estatística das famílias. Visitou família por família, fichando-as todas, com as observações necessárias para seu melhor conhecimento. Após dois anos, visitados todos os paroquianos, tinha ele diante de si o panorama geral, e conhecia seus problemas, seus anseios, suas dificuldades, suas necessidades, e também conhecia seus esforços, seu espírito de trabalho, seus progressos e triunfos. Continuou este trabalho no decorrer dos anos, sempre atualizando e completando as fichas. Quando cooperador em São José do Hortêncio, realizou lá a mesma tarefa. Como também mais tarde em Lajeado e, durante seus trabalhos de secretário itinerante da Sociedade União Popular, em toda a região colonial.

Era um homem afeito às estatísticas. Publicou mais tarde estatísticas de muitas famílias, com a soma dos descendentes; estatísticas de paróquias, com seus habitantes de várias origens em diversas épocas; estatísticas das indústrias e do comércio na zona de origem alemã, em nosso Estado; estatísticas das usinas hidráulicas, estatísticas das escolas, estatísticas da Companhia de Jesus, estatísticas, afinal, as mais variadas, referentes a um sem número de assuntos. Principalmente o "Familienfreund-Kalender", al-

manaque da Sociedade União Popular, fundado em 1912, é riquíssimo repertório de informações sobre famílias teuto-brasileiras, resultados dos trabalhos estatísticos do Pe. Amstad.

Ouçamo-lo a respeito na autobiografia: "Eu deixaria aberta uma grande lacuna, se não quisesse mencionar os muitos trabalhos estatísticos, em que sou considerado - sem que queira autolouvar-me - um especialista. Principalmente o "Familienfreund Kalender" e o "Skt. Paulusblatt" são ricas fontes de trabalhos estatísticos. Uma especialidade formam as estatísticas e censos das famílias, que constituem um trabalho árduo e moroso. Iniciativa notável de estatística é a composição das famílias imigradas, cuja publicação ainda seguirá".

Infelizmente, conforme pesquisa feita pelo Pe. Rabuske, perdeu-se este trabalho sobre os imigrantes, que teria tratado de 600 famílias católicas e teria sido remetido ao St. Raphaels-Verein, em Hamburgo, na Alemanha. Carta escrita em 26 de julho p.p. pela direção do St. Raphaels-Verein informa: "Infelizmente os nossos arquivos queimaram por ocasião de um bombardeio em 1943, de maneira que não se encontra mais o material enviado pelo Pe. Amstad".



O Genealogista

Dentro de pouco tempo este mestre em estatística, relacionando entre si as fichas, se transformou em grande genealogista. Ele, que na autobiografia nos apresenta sua ascendência até São Nicolau de Flue, do século XV, tornou-se o maior conhecedor das famílias católicas teuto-brasileiras. Este trabalho das estatísticas e do estudo das famílias e dos seus entrelaçamentos entre si fez parte do seu apostolado e o aproximou sempre mais de todos. Era o amigo das famílias, que ele conhecia melhor que qualquer outra pessoa.

Amstad estava conscientizado da importância do estudo da genealogia na vida das pessoas. Sem o conhecimento dos antepassados paira-se no ar, sem saber donde se vem. A pessoa permanece mais isolada, fechada em pequeno círculo de amigos. Se pesquisamos os antepassados, compreendemos e admiramos as suas virtudes, os seus heroísmos, as suas atividades, sentimos mais as interdependências e entrelaçamentos que há entre as diversas famílias e a conseqüente colaboração mútua que deve haver. Pois no fundo, não só como filhos de Deus, mas também como simples seres humanos, somos todos irmãos. Pelo conhecimento dos antepassados, compreendemos melhor os que conosco vivem a época atual.

E também chegamos a compreender melhor a caducidade deste mundo e a situação real da nossa vida, pois assim como os anos nos ensinam que estamos passando rapidamente, também os estudos genealógicos nos mostram a rapidez com que vêm e passam as gerações.

Em meus trabalhos no Arquivo do Arcebispado, onde existem os registros de batismos, casamentos e óbitos que nos possibilitam o estudo das famílias teuto e luso-brasileiras desde sua chegada ao Rio Grande do Sul, assisto a cenas comovedoras. Um rapaz de quatorze anos, de origem lusa, veio com a curiosidade de saber quem eram seus avós e bisavós. Já é louvável este interesse da parte da juventude. Fiz-lhe uma pequena árvore genealógica, acrescentando mais alguns antepassados. Dias depois voltou o mesmo rapaz, dizendo textualmente: "Padre, fiquei fanatizado por este estudo". E pediu que completasse os dados o mais possível, porque queria saber tudo desde os inícios.

Uma jovem de origem alemã, vendo os livros antigos com nomes de antepassados, quis saber algo sobre sua família. Fiz-lhe a árvore genealógica, partindo de agora, até os inícios da imigração, há 150 anos atrás, com indicações sobre a chegada dos imigrantes e algumas outras informações. Tempos depois ela voltou para contar:

"Mostrei ao vovô, que tem 84 anos, as suas informações. Ele até se comoveu e ficou com lágrimas nos olhos, e disse que agora que está velho chegou a saber coisas antigas, que ele nunca soube em toda a vida".

Há realmente muito interesse por esses estudos, e é pena que pelas minhas limitações não me possa multiplicar para satisfazer as justas aspirações de tantas pessoas, desejosas de conseguirem sua árvore genealógica e conhecerem os antepassados.

O Pe. Amstad percebeu a importância deste trabalho para o apostolado, para unir os homens mais entre si e promover a colaboração mútua, e dedicou a ele grande parte de seu precioso tempo.

O Geógrafo

Outra atividade exercida pelo Pe. Amstad foi a de geógrafo. Já em seus tempos de estudo, por passatempo, desenhava mapas. Deixemos falar o próprio padre na autobiografia: "Como pastor de almas, não quis apenas conhecer o rebanho, mas também a pastagem. Pus-me logo a desenhar esquematicamente o território a mim confiado. O resultado foi um mapa mais ou menos exato da antiga região colonial alemã, abrangendo os quatro municípios de São Leopoldo, Taquara, São Sebastião do Cai e Montenegro. Da mesma maneira durante minha permanência em Lajeado surgiu o mapa

da região colonial média, que abrange cinco municípios: Estrela, Lajeado, Venâncio Aires, Santa Cruz e Candelária. Como secretário itinerante da "Sociedade União Popular" completei a série com mais dois mapas coloniais. O do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul com os municípios de Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa e São Luís; e o do nordeste com as colônias dos municípios de Cruz Alta, Passo Fundo, Erechim e Palmeira. Estes mapas serviam-me não apenas para a cura de almas, e mais tarde para a Sociedade União Popular, mas foram também um instrumento eficaz para aclarar dificuldades referentes a medições de terras. Por cuasa de meus conhecimentos geográficos os luso-brasileiros do campo me denominavam "o padre que viaja de acordo com o mapa".

Quero chamar a atenção dos srs, ouvintes, de que estes mapas se encontram atualmente em mãos do P. Artur Rabuske.

Também a confecção dos mapas exigia grandes pesquisas e conhecimentos, e muita dedicação. Suas noções de astronomia, as escrituras dos colonos e as viagens no lombo da mula lhe foram de grande proveito nesse trabalho.

Em todas as atividades do P. Amstad sempre encontramos sua intenção de trabalhar pelo bem comum do homem do interior.

Pelo Bem Comum

Em seu contato direto e cotidiano com a população, Amstad, como ninguém antes dele, chegou a conhecer o agricultor, sua maneira de viver, suas alegrias, suas dificuldades, seus dissabores e suas necessidades. Talhado para ser um líder, ele sabia aconselhar não só as coisas para a alma, mas ensinava o valor e a maneira da adubação como ele aprendera na Suíça indicava como se plantam e cultivam árvores frutíferas e mostrava um sem número de outras coisas práticas com que cativava a simpatia do colono.

Ele sentia a necessidade de uma ação mais profunda para ajudar ao colono também nas necessidades materiais. Devemos lembrar-nos que a revolução federalista de 1893-95 foi devastadora para a zona colonial e impedia a colocação dos produtos agrícolas, agravando ainda mais a situação do agricultor. Amstad estava sempre mais preparado para a missão que o preocupou desde o início. Diz ele mesmo na autobiografia: "Desde minha chegada ao Brasil ocupei-me com o plano de como poderia criar neste belo e rico país uma verdadeira atividade comunitária". O tempo estava-se aproximando.

Podemos dizer que toda a sua vida na Europa, e os conhecimentos adquiridos nos anos de atividade em São Sebastião do Caí e São José do Hortêncio,

o prepararam para essa atividade, para a qual ele teve como que um carisma: a colaboração mútua e o conseqüente cooperativismo.

Se pesquisamos a história dessa época, percebemos que ele não se precipitou. Ele estava dentro de um contexto histórico, que exigia a união de todos para a superação das dificuldades. Encontramos diversos outros sacerdotes, que se sentiram impelidos a ajudar ao colono, a incentivá-lo, a aconselhá-lo, e a liderar suas iniciativas para o bem comum. Eram geralmente vigários em paróquias da zona colonial, que viviam o dia-a-dia do colono, e percebiam o que era necessário para que essa gente trabalhadora pudesse superar os obstáculos que estavam crescendo em seu caminho e ter uma vida mais humana. Entre outros podemos citar o sacerdote secular Nicolau Knob, e os jesuítas Pedro Gasper, Maximiliano e José de Lassberg e Eugênio Steinhart.

A partir de 1898 realizaram-se, inicialmente cada ano, depois de dois em dois anos, os Congressos dos Católicos Alemães do Rio Grande do Sul. O primeiro, preparado pelo Pe. Gasper, realizou-se em Harmonia, no município de Montenegro, sendo nessa ocasião fundada a Associação dos Professores; o segundo, no ano de 1899, realizou-se em Santa Clara, no município de Lajeado; o terceiro, em 1900, em Santa Ca-

tarina da Feliz; o quarto, em 1901, em Santa Cruz do Sul.

Em todos esses congressos, além da parte espiritual, diretamente relacionada com os deveres religiosos, eram tratados problemas práticos para os colonos: a adubação das terras, a rotatividade das plantações, o problema do desmatamento, plantação de árvores, destruição das formigas, criação de abelhas, criação de porcos, a escola, a imprensa, convivência com os não católicos, fundação de novas colônias, problemas de saúde, e muitos outros problemas que ainda hoje continuam atuais.

A Associação dos Agricultores

No Congresso de Santa Catarina da Feliz, em 1900, o Pe. Amstad fez uma conferência, que se tornou fundamental e arregimentou os agricultores. É uma peça oratória, em que vemos seu poder de persuasão. Nela vemos o brasileiro naturalizado, defendendo com veemência os interesses dos agricultores brasileiros. Realizada às 4,30 horas de 25 de fevereiro, teve ela por tema: "Como na produção nos podemos tornar independentes dos países estrangeiros". Estávamos a menos de 12 anos de distância da abolição da escravidão, cuja recordação ainda permanecia viva na mente do povo. Devemos lembrar-nos também da estupefação de Amstad no navio,

ao ver o transporte de alimentos da Europa para o Brasil. Na introdução da memorável conferência ele disse enfaticamente:

"Com a carroça cheia e os burros carregados do fruto de pesados trabalhos e do resultado de amargos suores, o colono se dirige à casa comercial, mas as bugigangas estrangeiras que recebe em troca para levar para casa, ele facilmente pode colocar debaixo do braço. Por isso a queixa que hoje se ouve com frequência: Pelas nossas coisas nada recebemos, mas pelo que compramos devemos pagar o valor duplo e triplo. Por isso estareis de acordo comigo se eu digo: a dependência econômica, na qual atualmente nos encontramos em relação a outros países, é na verdade uma nova escravidão que está ameaçando o nosso país; e como foi um ponto de honra abolir a antiga escravidão, assim agora para o verdadeiro brasileiro é um dever de honra afastar com mão firme esta nova escravidão do nosso querido Brasil".

Com demonstração de grandes conhecimentos de comércio internacional, Amstad fez então uma admirável conferência sobre importação e exportação de produtos do Rio Grande do Sul, dizendo que devemos produzir mais, exportar mais e importar menos, senão nós dividaremos sempre mais. E aconselha insistentemente que prefiram os produtos nacionais

aos estrangeiros. Dá uma verdadeira aula de economia política aos colonos, apresentando exemplos admiráveis. E lhes ensina como devem proceder.

Na terceira parte da conferência fala de que devem unir-se, organizar-se em sociedades e associações, para poderem vencer. Aduz um exemplo muito compreensível aos colonos: "Se uma grande pedra se atravessa no caminho e 20 pessoas querem passar, não o conseguirão, se um por um a procura remover. Mas se as 20 pessoas se unem e fazem força ao mesmo tempo sob o comando de um deles, mais facilmente conseguirão afastar a pedra e abrir o caminho para todos".

Diz o relatório do Congresso que o Pe. Amstad, sempre tão pontual, ultrapassou o tempo que lhe fora concedido para a conferência. Desabou também um grande temporal com forte chuva, impedindo que sua voz fosse ouvida. Findo o temporal, insistiram que ele continuasse. Sugeriu-lhes então que fundassem uma Associação, da qual ele explanou as idéias principais. Terminada a sessão, pediu que os interessados nessa fundação continuassem reunidos. Centenas de homens permaneceram, e Amstad lhes explicou o projeto dos Estatutos, que já preparara em casa e trouxera no bolso, para o caso de ser aceita sua idéia. O resultado foi que no terceiro dia do Congresso com 400 inscrições se fun-

dou a "Associação Rio Grandense dos Agricultores", de caráter inter-confessional, com o lema "viribus unitis", "mit vereinten Kraeften", "com as forças unidas".

A Associação entrou imediatamente em ação, sempre sob a supervisão do fundador. Teve um boletim denominado "Bauernfreund" (Amigo do Agricultor), cujo artigo de fundo sob o título de "O ABC do Agricultor", sempre era escrito pelo Pe. Amstad. As 800 assinaturas iniciais em 1904 tinham subido para 1800. O boletim era o elo de união entre os associados, trazia notícias da Associação e artigos de interesse dos agricultores. A idéia de unir as forças estava tomando sempre mais corpo.

Era admirável a capacidade do Pe. Amstad de perceber com grande perspicácia as necessidades dos outros e de descobrir as soluções. Nessa época de paternalismo em que se esperava tudo das autoridades, ele soube enveredar por um caminho diferente, soube organizar os agricultores para fazê-los trabalhar por si mesmos e superar as dificuldades, de acordo com o conhecido provérbio: "Se queres matar a fome do pobre por um dia, dá-lhe um peixe; mas se queres matar-lhe a fome todos os dias, dá-lhe um anzol, para que ele possa pescar seus peixes e mater a fome". Amstad arregimentou os agricultores, deu-lhes a possibilidade de se

defenderem e ajudarem mutuamente. E para alcançar isso teve também um tino admirável em descobrir no meio deles os líderes que levavam avante os empreendimentos. Foi, com essa organização, um precursor dos tempos modernos, em que todas as classes se organizam.

Em sua autobiografia escreveu Amstad: "No ano de 1900, por ocasião do Congresso dos Católicos em Feliz, fiz a primeira experiência e fundei a Associação dos Agricultores, que deveria ser interconfessional. O plano deu certo. Mesmo que esta experiência não tenha tido um sucesso absoluto, nem entre os teutos, nem entre os italianos, ela abriu caminho para as posteriores fundações associativas estáveis. Como nos tempos da fundação da Associação eu estivesse continuamente ocupado na cura de almas, só de passagem me podia dedicar às atividades associativas propriamente ditas. Resultados particularmente importantes da Associação foram a fundação das duas colônias florescentes de Serro Azul (Cerro Largo) e Boa Vista (Santo Cristo), a instalação das primeiras caixas rurais e as experiências com a fundação de cooperativas"

Colonização

No ano de 1901 a Associação dos Agricultores realizou em São José do Hortêncio sua segunda assembléia geral. As assim chamadas "colônias ve-

lhas" já eram pequenas para agasalhar todos os rebentos novos que iam crescendo nas famílias. A necessidade de terras novas era um dos problemas do momento, como o foi em todas as épocas desde os inícios da imigração devido às famílias numerosas. Já em fins do século passado e nos começos do atual Governo Provincial e empresários particulares haviam fundado diversas colônias novas: Ijuí, Guarani, Alto Jacuí, Não-Me-Toque, Selbach, Pirapó e outras.

O Pe. Amstad tinha planejado apresentar aos participantes da assembléia uma explicação histórica de como se estava desenvolvendo a colonização do norte e noroeste do Estado. Para isso estava confeccionando um mapa, para o qual lhe faltava a parte referente a Cerro Largo e Santo Cristo, cuja colonização prevista fora confiada pelo Governo à Companhia da Estrada de Ferro Norte-Noroeste. Amstad escreveu à direção da Companhia, pedindo um mapa da área a ser colonizada. O diretor da empresa, em vez de remeter o mapa, compareceu pessoalmente em São José do Hortêncio, e ofereceu as terras à Associação dos Agricultores. Isto não estava nos cálculos da Associação, mas iniciaram-se as conversações e na assembléia seguinte, realizada em Lajeado no ano de 1902, o plano foi aprovado. Em 4 de outubro de 1902, sob a direção do Pe. Maxi-

miliano de Lassberg, chegavam a Cerro Largo os primeiros colonizadores daquele hoje florescente município.

Mais tarde, no ano de 1926, a Sociedade União Popular, sucessora da Associação Rio-Grandense de Agricultores, adquiriu uma grande área de terras à margem direita do rio Uruguai, e realizou a colonização do atual município de Itapiranga, em Santa Catarina, que no corrente ano está festejando o jubileu áureo de fundação.

Caixas Rurais

Outra iniciativa de grande alcance da Associação Rio-Grandense de Agricultores foi a fundação das Caixas de Crédito Rural, mais conhecidas como Caixas Rurais, conforme o sistema Raiffeisen, amplamente adotado na Alemanha. Tenho em mãos uma obra do Prof. Dr. Martin Fassbender, editada em Berlim no ano de 1902, com o título "F. W. Raiffeisen in seinem Leben, Denken und Wirken im Zusammenhange mit der Gesamtentwicklung des neuzeitlichen Genossenschaftswesens in Deutschland" (F. W. Raiffeisen, sua vida, sua idéia, sua ação, em união com o desenvolvimento geral das novas associações cooperativistas na Alemanha). O livro traz no início extensa bibliografia de tratados e escritos sobre associações cooperativistas, pelos quais se percebe o grande desenvolvimento da idéia cooperativista na

Alemanha, nos três últimos decênios do século passado.

Amstad já há muito tempo estava convencido da utilidade das caixas rurais, como da necessidade da união dos colonos em redor de seus ideais, mas a semente teve de amadurecer no ambiente e esperar ocasião propícia para sua germinação.

Em 1902, congregando ao redor de si 19 agricultores, fundou em Nova Petrópolis a primeira caixa de crédito rural no Rio Grande do Sul, transformando desta maneira seus companheiros em pioneiros do cooperativismo brasileiro. Eis o motivo porque o monumento em sua homenagem se encontra em Nova Petrópolis.

Uma após uma, surgiram as caixas nos diversos centros de colonização alemã, chegando ao número aproximado de 50, coordenadas pela Central das Caixas Rurais, com sede em Porto Alegre. Nelas o colono, cheio de confiança nas direções, depositava a juros as sobras de suas economias, que eram reaplicadas na mesma região, emprestadas que iam sendo a outros colonos, necessitados de um empréstimo temporário. É a colaboração mútua que se fazia através da entidade criada em favor do agricultor.

Vejamos por um exemplo como ele concretizava estas fundações. De 17 a 19 de abril de 1904 realizou-se em Santa Cruz do Sul a Quarta Assembléia Ge-

ral da Associação Rio-Grandense dos Agricultores. Entre os assuntos tratados houve, conforme o relatório impresso, alocações do Pe. Maximiliano de Lassberg e do Pastor Dedekind, representante do Sínodo, sobre a colonização de Cerro Largo. Amstad, além das palavras proferidas no início e no fim da assembléia, apresentou na manhã do segundo dia uma conferência com o título "Leben und Streben des Vereins" (Vida e atividade da Associação), dividida em duas partes: Onde estamos agora, e para onde queremos chegar, conforme o exemplo da Europa.

Na tarde do mesmo dia fez uma conferência sobre "Genossenschaftswesen im Dienste der Landwirtschaft" (Associações Cooperativistas a serviço da Agricultura). Tratou primeiro das Cooperativas de produto e depois das Associações de Crédito Rural, conforme o sistema de Raiffeisen. No fim da conferência convidou interessados para uma reunião à noite, em que se trataria da criação de uma Caixa de Crédito Rural em Santa Cruz do Sul, o que realmente resultou em sua fundação. Esta caixa, inicialmente denominada "Spar und Darlehenskasse" (Caixa de Economia e Empréstimo), posteriormente recebeu a denominação de "Caixa Cooperativa Santa Cruzense", e mais tarde se transformou no conhecido Banco Agrícola-Mercantil, agora in-

corporado à União de Bancos Brasileiros SA.

Por ocasião do jubileu áureo da fundação, em 1954, o Banco Agrícola-Mercantil editou a monografia ricamente ilustrada "50 Anos a Serviço do Rio Grande do Sul e do Brasil", em que história os inícios da instituição da seguinte maneira: "A feliz circunstância de existirem todas as atas desta sociedade, permite verificar que a primeira reunião de interessados foi realizada no dia 18 de abril de 1904, com a presença e sob a direção do P. Teodoro Amstad SJ. A 8 de maio, em segunda reunião, constituiu-se, então, definitivamente a sociedade, tendo sido eleita a primeira diretoria" (p. 25).

O boletim "Sul-Coop", de Porto Alegre, que trata de cooperativismo, traz em seu número 19, de maio-junho de 1949, que trata da 2ª Semana Cooperativista, uma conferência do economista J. Montserrat, pronunciada na Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul sobre o tema "A Formação do Rio Grande e a Penetração Cooperativista", na qual este afirma: "O cooperativismo no Estado foi uma das grandes contribuições da colonização. O seu aparecimento em nossas relações de trabalho é anterior à iniciativa estatal e se verifica entre o elemento europeu e seus descendentes imediatos. A prática da cooperação antecede a lei e o seu desenvolvimen-

to, no terreno do crédito, exige e dá origem à sua regulamentação jurídica. A Caixa Rural de Nova Petrópolis constituiu-se em 1902, e somente cinco anos mais tarde se promulga no país o primeiro diploma legal regulando o exercício da cooperação. Deve-se à iniciativa privada o aliciamento e a propagação cooperativista, de cuja cruzada o Pe. Amstad foi um dos pontífices máximos, organizando, orientando e coordenando o trabalho da rede de Caixas Rurais Raiffeisen" (p. 35).

A Sociedade União Popular

As atividades associativas do Pe. Amstad junto ao agricultor foram se intensificando num "crescendo" contínuo no decorrer de sua vida e chegaram ao máximo no sacerdote já sexagenário. Diz ele na autobiografia: "Minha principal atividade em favor da vida associativa começou apenas em 1912, com a fundação do "Volksverein" (Sociedade União Popular)"

E continua: "Da Associação Rio-Grandense de Agricultores surgiu a Sociedade União Popular para os teutos católicos e a Liga União Colonial para os evangélicos, sendo que entre os italianos surgiram a Associação Viti-Vinícula e muitas cooperativas de Valorização do Leite.

A Sociedade União Popular, que existe até os dias de hoje e mantém seu boletim mensal "Skt. Paulusblatt", já no 59º ano de circulação, foi fundada em

1912 na Assembléia Geral dos Católicos reunidos em Venancio Aires. Amstad foi liberado dos trabalhos paroquiais e nomeado Secretário-Geral itinerante da Sociedade. Com a colonização teuto-brasileira já espalhada por todo o norte e noroeste do Estado, o campo de ação era muito vasto. No lombo de sua mula percorria todas as estradas. Visitava todas as igrejas e capelas, atendia pastoralmente as comunidades (confissões, missa, sermão, catequese), depois tratava dos problemas culturais e materiais dos agricultores. Tornava-se "tudo para todos", conforme o lema "Omnibus omnia", que deu à Sociedade União Popular. Visava ao bem-estar de todos os colonos. Mal terá havido uma aldeia com brasileiros de origem alemã que ele não tenha visitado. Partilhava de suas alegrias e aflições, era-lhes um constante conselheiro, interessava-se pelo seu bem-estar corporal e espiritual.

Nessa época a Sociedade fundou o Asilo Sagrada Família, em São Sebastião do Caí, para pessoas idosas e inválidas. Ao Secretário itinerante competia organizar a manutenção da entidade, em suas viagens pela colônia.

De 1917 a 1919, estando suspensas suas viagens e as reuniões associativas devido ao estado de beligerância, fundou e administrou uma agência de empregos, para colocação de desempregados. Diz ele que isto

se tornou uma de suas atividades associativas mais queridas, onde encontrou a plena realização do lema da Sociedade União Popular: tornar-se tudo para todos.

A partir de 1919 reencetou suas giras pelo rio Grande e o trabalho da Sociedade. Mas uma queda da cavalgadura a partir de 1923 o impediu de prosseguir estes trabalhos, sendo então substituído pelo Pe. João Rick SJ, outro grande benemérito da Sociedade União Popular.

Apesar de já terem passado mais de 50 anos desde que o Pe. Amstad deixou a atividade de Secretário-Geral itinerante da Sociedade, ele ainda hoje em dia é lembrado na zona colonial pelas pessoas antigas. Testemunho da estima e veneração em que era tido não só pelos adultos, mas também pelos jovens de então, que são os que até hoje se lembram com admiração e saudade dessa figura amiga.

O Cavaleiro

Quando veio para o Brasil, Amstad não sabia andar a cavalo, e certamente não imaginou que passaria grande parte de sua vida na sela. Começou logo após sua chegada a São Leopoldo, em 1885. No início sofreu diversas peripécias e acidentes, que ele conta com toda a humildade. Assim narra ele em crônica leve e agradável uma de suas primeiras viagens:

"Para ir de São Leopoldo a Hamburgo Velho deram-me uma velha mula com o nome de Diana. Na ida foi tudo muito bem, pois ao afastar-se de casa a mula tinha o costume de andar devagar. Mas na volta para casa tornava-se difícil segurá-la e a consequência não se fez esperar: Primeiro perdi o estribo, depois comecei a sentir-me inseguro e a seguir foi aquela queda na areia. Minha Diana ficou muito admirada, parou e olhou para mim. Montei novamente, e depois de breve trecho renovei a experiência, o que no decurso de meia hora me aconteceu quatro vezes. Por sorte o caminho era arenoso, e em consequência o cavaleiro inseguro não teve maiores prejuízos".

Amstad relata em suas Memórias diversas outras quedas. Uma vez, isto foi também nos primeiros tempos, perto de São Sebastião do Caí caiu da alimária e ficou com o pé preso no estribo. Por sorte o animal parou e o cavaleiro conseguiu livrar-se da situação perigosa, que já custou a vida a muitas pessoas.

Mas este homem tornou-se insigne cavaleiro, como os melhores gaúchos, e graças a isso conseguiu tornar-se tudo para todos e realizar sua obra admirável. Com sua mulinha atravessou as paróquias e o Rio Grande uma e muitas vezes. Durante 38 anos, de 1885 a 1923, sempre anotou as viagens feitas a cavalo. Fez em média cinco mil

quilômetros por ano. Cento e oitenta mil quilômetros ao todo, quatro e meia vezes a volta ao redor do mundo pelo Equador.

Num de seus retratos mais célebres, que também encontramos no livro "Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul", o vemos sobre a mula, em seu poncho de gaúcho e com os peçuelos na sela, à semelhança dum caixeiro-viajante. Assim ele era conhecido em toda a zona colonial alemã.

Foi com muita justiça que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em 1974, por ocasião do sesquicentenário da imigração alemã, escolheu este retrato do Pe. Amstad e a Casa do Imigrante de Feitoria Velha para constarem no selo comemorativo que perpetua a efeméride. Honra ao mérito.

Mas foi outra queda, depois de muitos anos e de muitas voltas ao mundo, que tirou o Pe. Amstad de sua atividade de viajante da Sociedade União Popular. Na última página das memórias ele conta como isto aconteceu:

"Foi na véspera de Todos os Santos do ano de 1919. Dia quente e mormacento. Eu vinha de Corvo, da paróquia de Estrela, e me dirigia para a Barra do Arroio do Meio, na paróquia de Lajeado, onde no dia seguinte pretendia celebrar missa e fazer a reunião da Sociedade União Popular. À margem direita do Rio Taquari estava eu cavalgan-

do por um trecho de mato. Como me acontecia muitas vezes em cavalgadas longas em dias de calor e por regiões ermas, cansado do trabalho, comecei a cochilar na sela. Minha mula, certamente assustada por uma razão qualquer, deu um salto para o lado e me atirou ao chão. Na aparência essa queda não teve muita importância, pois caí sobre relva. Mas desde aquele tempo eu sentia na rótula do fêmur da perna esquerda uma dor, que eu mesmo interpretava como simples reumatismo. Até inícios de 1923 ainda pude andar a cavalo. Dois médicos que me examinaram, constataram que se tinham rompido tendões ou rachado ossos, e que com o tempo o mal haveria de piorar. Assim aconteceu. Até Pentecostes de 1923 pude auxiliar na igreja de Hamburgo Velho. Depois tive de retirar-me para a chácara do Seminário, em São Leopoldo".

Tinha ele então 71 anos de idade.

Atividades Literárias

A missão itinerante do Pe. Amstad estava no fim. Sobrava-lhe, porém, ainda um meio de continuar sua atividade: a escrita. Assim de certa maneira poderia continuar o contato com os agricultores e trabalhar por eles.

Sua bagagem literária já tinha sido imensa, ainda que na maior parte anônima.

A primeira obra publicada foi "Festschrift zum 50-jaehigen Jubilaem der Pfarrei São José do Hortêncio" (Monografia comemorativa do 50º aniversário de fundação da paróquia de São José do Hortêncio), de 47 páginas de corpo e 24 de apêndices, publicada em 1899, na época em que era vigário-cooperador naquela paróquia. As primeiras 47 páginas foram reeditadas no "Der Familienfreund" de 1955.

Com a fundação da Associação Rio-Grandense dos Agricultores, em 1900, por iniciativa do Pe. Amstad também se fundou o boletim denominado "Bauernfreund" (Amigo do Agricultor), para o qual ele durante 10 anos escreveu o artigo de fundo "O ABC da Associação dos Agricultores".

Depois, com a fundação da Sociedade União Popular, em 1912, e o surgimento do órgão da entidade, "Skt. Paulusblatt", ele foi seu redator durante 25 anos, até o fim de sua vida. Igualmente foi redator do anuário da Sociedade, "Der Familienfreund", desde o primeiro número em 1912 até o fim da vida. "Skt. Paulusblatt", e principalmente "Der Familienfreund", são repositórios riquíssimos e preciosíssimos de estatísticas, estudos genealógicos e informações históricas da zona colonial alemã e do homem teuto-brasileiro, resultados em sua maior parte das pesquisas do Pe. Teodoro.

Com os membros parcialmente paralizados a partir de 1923, Amstad teve oportunidade de dedicar-se ainda com mais afinco aos trabalhos da redação do boletim e do anuário. E surgiu também aquela que podemos chamar sua obra prima, lançada por ocasião da passagem do primeiro centenário da colonização alemã em nosso Estado: "Hundert Jahre Deutschum in Rio Grande do Sul, 1824-1924", obra de grande valor histórico, ainda não superada até os dias de hoje. Conforme consta à página 328, o volume é quase todo de sua autoria. Conhecendo o Estado como ninguém, desenhou com imagens vivas o trabalho dos descendentes dos alemães no Rio Grande do Sul.

Para o 25º aniversário da fundação da Colônia de Cerro Largo preparou bela edição comemorativa, publicada em 1928.

Igualmente preparou para o 25º aniversário de fundação da Sociedade União Popular uma edição comemorativa, que não chegou a ser publicada e que, infelizmente, quanto consta, se perdeu nos tempos da segunda guerra mundial.

Diz Amstad na autobiografia: "Apesar dessas edições comemorativas geralmente não serem muito volumosas, a coleta do material histórico e sua composição exigem muito tempo e muita paciência. Além destes trabalhos ainda deveria citar muitos artigos publicados em

revistas da Alemanha. Quero referir o fato curioso de que durante o tempo da maior inflação na Alemanha recebi por um artigo o pagamento de dez bilhões de marcos, que trocados em dinheiro brasileiro apenas valem vinte mil-réis".

A autobiografia, de que falamos continuamente no decorrer desta palestra, também foi escrita durante sua doença, a partir de 1934, e publicada após sua morte.

A publicação "Die Getreuen", da Alemanha, do ano de 1939, traz a notícia do falecimento do Pe. Amstad. O autor da notícia, Theodor Grentrup, escreve a certa altura: "Encontrei-o em início de 1938 na casa de descanso dos jesuítas, nas proximidades de São Leopoldo. Morava em pequeno quarto de austeridade espartana, da qual nenhum religioso se precisa envergonhar. Fisicamente era uma ruína. Disseram-me que se devia sentá-lo e deitá-lo como uma criança. Mas durante a conversa seu espírito relampejava, e suas palavras penetravam como setas na escuridão. Uma montanha de livros e escritos sobre a mesa indicavam seu zelo em trabalhar. Ainda tinha planos. Contou-me que estava escrevendo a história das atividades da Missão Sul-Brasileira da Companhia de Jesus. Confiamos que a tenha terminado".

Sim, conseguiu terminar a obra. Esperamos que um dia seja publicada. É a história da

imigração, a história das paróquias na região colonial teuto-brasileira, e a história da atividade dos padres jesuítas no Rio Grande do Sul.

Eis o grande escritor, o autor de um número infindo de trabalhos estatísticos e genealógicos, cuja confecção exige muito tempo, paciência e estudo, o historiador exato e consciencioso de produção abundante sobre a colonização e os colonos, o geógrafo exímio, o cronista agradável, o conferencista e orador que sabia enlevar, convencer e persuadir. Seus escritos mais diversos, publicados em milhares de páginas de livros e revistas, continuarão a contar pelos séculos o que foi o primeiro século da colonização alemã no Rio Grande do Sul, e nos falarão também do valor e da capacidade extraordinária desse homem que com a pena, a tinta e muita persistência soube perpetuar estes acontecimentos.

Tudo para Todos

Assim era o Pe. Amstad. Viveu e sacrificou-se pelos agricultores. E quando não podia mais visitá-los, escrevia sobre eles e para eles. Toda a sua atividade literária fazia parte do trabalho associativo em favor do agricultor. E estes em grande número o visitavam na chácara do Seminário de São Leopoldo, para pedir conselhos e orientação, ou para rever saudosamente o grande amigo.

Em 1934 escrevia ele na autobiografia: "Devo dizer que ainda hoje, quando já tenho 83 anos de idade, meu tempo está preenchido com trabalhos úteis. De manhã após o café sento-me e trabalho até ao meio-dia. Nunca fiz a sesta, muito usual no Brasil. Se hoje me perguntam: "O sr. não faz uma parada no trabalho?", costume dizer: "No túmulo terei bastante tempo para isso".

Em outra passagem diz: "Só posso ler, escrever e rezar. Esta vida não é agradável, mas devo dizer louvando a Deus, que se em minha longa vida recebi tantas coisas boas de Deus, agora também de suas mãos paternas devo aceitar com gratidão coisas menos boas".

O Pe. Amstad faleceu no dia 7 de novembro de 1938, dois dias antes de completar 87 anos de idade. "Unitas", boletim oficial da arquidiocese de Porto Alegre, em seu número de julho a dezembro de 1938, diz a respeito: "Sentindo próxima a sua morte, escreveu o seu necrológico de próprio punho. Há dias ainda dizia em tom de pilhéria: "O meu aniversário e dia ono-

mástico deste ano, a 9 de novembro, eu vou festejar no purgatório".

No enterro estiveram presentes três representantes evangélicos, entre os quais Fritz Rotermond, que falou: "Pe. Amstad, em nome da "Federação 25 de Julho" depositamos sobre seu túmulo esta coroa, em sinal de nossa gratidão pela sua fiel colaboração até os últimos dias".

O Pe. Amstad em toda a sua vida teve um único objetivo: promover o progresso econômico, cultural e religioso de sua amada gente, o exército anônimo da enxada e do arado. Seu nome estará para sempre ligado à história da colonização do sul do Brasil.

Sobre a pia batismal de sua terra natal, de mármore preto e branco, que ele descreve na autobiografia, encontram-se desenhadas as palavras: "Creio na vida eterna". E nós, homenageando-o por ocasião do 125º aniversário de seu nascimento, cremos e esperamos que Deus tenha recebido na vida eterna este sacerdote incansavelmente dedicado ao bem comum.